

Ayahuasca, você conhece?

Afrânio Patrocínio de Andrade¹

Resumo

Este texto procura apresentar um panorama sobre a Ayahuasca, indicando aspectos históricos, situando os grupos usuários primários e atuais e apontando os campos de pesquisa, sem adentrar aos muitos detalhes que envolvem este fenômeno. Ao final indicamos alguma bibliografia para aprofundamento

Palavras-chave: 1. Ayahuasca; 2. Etnias; 3. Urbanização.

Abstract

Ayahuasca, do You know this?

This text seeks to present an overview about Ayahuasca, point out historical aspects, locating the groups primary and current users and pointing the fields of research, without going into the many details that involve this phenomenon. At the end we indicate some bibliography for further study.

Keywords: 1. Ayahuasca; 2. Ethnicities; 3. Urbanization.

Palavras Iniciais

Se você responde positivamente a esta pergunta somente porque já ouvi falar deste assunto, você não entendeu a pergunta. De fato, conhecer é mais que isto. Se você entendeu que conhecer significa ter provado a bebida, você ainda não entendeu a pergunta, pois conhecer a Ayahuasca é mais do que isto. Se você entendeu que para conhecê-la você tem que ter o domínio sobre este objeto, esqueça, você nunca vai conhecê-la.

A Ayahuasca é, por um lado, um simples líquido feito de duas plantas, o cipó mariri ou jagube (*Banisteriopsis caapi*) e a folha do arbusto chacrona ou rainha (*Psychotria viridis*); por outro lado, é um complexo campo do qual a pesquisa científica conhece muito pouco. Ademais, com esta denominação se conhece igualmente uma série de composições de bebidas e modos de preparar em

¹ Pós-Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST, 2016), doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, 2000) e em Direito pela Universidade do Museu Social (UMSA, 2011). Mestre em Ciências da Religião (UMESP, 1995), bacharel em Direito pela Universidade São Francisco (USF, 1997), bacharel em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST, 2010), licenciado em Filosofia pela Universidade Entre Rios (2013); Complementação Pedagógica em Filosofia (2015). É professor concursado na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) desde 2015.

uma vasta área geográfica na região da Amazônia. Além disto, esta mesma bebida é conhecida por diversos outros nomes, dependendo da etnia que a utiliza. E, vale dizer, todo uso que se faz hoje em dia desta bebida, direta ou indiretamente, tem origem nas práticas indígenas.

Digamos que você se encontra entre os que apenas ouviram falar ou leu alguma coisa sobre este assunto. Então, este artigo é para você que pode conhecer um pouco mais e pode fazer isto a partir destas anotações iniciais. Se você já fez uso desta bebida por pouco ou por muito tempo, este texto é para você que pode encontrar aqui umas palavras iniciais sobre um objeto tão especial, e que pode aprofundar muito, mas muito mais sobre ele. Entretanto, se você acha que já domina este assunto completamente, este texto é para você que pode colaborar avaliando o seu conteúdo.

Este texto não se propõe a adentrar aos muitos detalhes que envolvem este fenômeno. Ele procura apresentar um panorama sobre a Ayahuasca, indicando aspectos históricos, situando os grupos usuários primários e atuais e apontando os campos de pesquisa. Por fim, indicamos alguma bibliografia para aprofundamento.

1. Ayahuasca: uma visão geral

Ayahuasca é o nome que se dá em geral a uma bebida usada original e milenarmente por grupos indígenas amazônicos principalmente do Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela e Brasil, mas também de indígenas da América Central.

Para situar o leitor, forneço uma listagem da maioria destes grupos, em ordem alfabética. Entre parêntesis temos o nome do tronco linguístico a que pertence cada uma destas etnias. Por fim, indico o país em que se encontram, adiantando que algumas destas etnias se acham em mais de um país, razão pela qual não estão especificados.

São, assim, as seguintes etnias que utilizam o chá Ayahuasca: Airo-pai e Arapaços (Tucanos), situados no estado do Amazonas, Brasil; Amahuaca, Yora, Huni Kui (Panos); Ashaninka, Campas (Aruák); Achuar (Achual, Achuara, Jivaro,

Shuaras), situados na Colômbia; Shuar, situados no Equador; Baniwa (Aruák) situados parte no Brasil e parte na Venezuela; Barasanas, Baras (Tucanos), situados no estado do Amazonas, Brasil; Boras (Uitoto, Proto-Bora-Miranha). Situados no Peru e na Colômbia; Kampas (Aruák), situados no Brasil; Camsás, (Quíchua, Quechumaran), situados nas encostas andinas do Vale Sibundoy, na Colômbia; Canamari (Catuquina), Amazonas e Acre; Catuquinas (Pano, Catuquina) situados no estado do Amazonas, Brasil; Cubeos (Tucanos); Chama (Es'e Ejja), situados na Bolívia, Caxinauás (Panos), situados no estado do Acre, Brasil; Culinas da família Arauá (Arawá), situados nos estados do Acre e Amazonas, Brasil; Culinas da família Madihá (Arauá), situados a maior parte no estado de Roraima, Brasil; Culinas de família pano (Panos), situados no estado do Amazonas, Brasil; Colorado ou Tsáchilas (Chibcha), situados no Equador; Coreguage (Tucano), habitam a região do Rio Orteguaza, alto Amazonas, Colômbia; Cayapas (Cha'apalachi), habitam no Equador; Chiririano, da família Avá guaraní (Guarani), habitam região no sul da Bolívia, parte norte do Paraguai e parte noroeste da Argentina; Callawaya (Quíchua) habitam parte norte da Bolívia e sudeste do Peru; Desana (Tucanos), situados no estado do Amazonas, Brasil; Emberá (Aruak), situados no Panamá e na Colômbia; Guahibo (Aruák), situados na Venezuela; Huaorani (Waorani), situados no Equador; Hupdás da família Macu (Hupde), divisa do Brasil com a Colômbia; Ingano (Quíchua/Quechumaran), habitam o Vale Sibundoy, na Colômbia; Kofan (Quíchua/Quechumaran), habitam o Rio Putumaio, na província de São Miguel, no Equador; Kamsá da família Quillacigas (Quíchua /Quechumaran), habitam o Vale Sibundoy, na Colômbia; Macus, das famílias camãs, ihupde e nadebes (Kaku), habitam a parte do estado do Amazonas, Brasil e parte da Colômbia; Matises (Matis), habitam no estado do Amazonas, Brasil; Matsés (Panos), habitam parte do oeste do estado do Amazonas e parte do leste do Peru; Machigenguas (Aruák), habitam no Peru; Muíscas (Chibchas), vivem na Colômbia; Macuna (Tucanos), vivem na Colômbia; Marubos (Panos), vivem no Vale do Javari, na região de Atalaia do Norte e Guajará, sudoeste do Estado do Amazonas, Brasil; Noanama, Wounaan ou waunana (Chocó), todos vivem na Colômbia; Piaroa (Kuakua,

Guagua e Quaqua), situados na região de Nova Colômbia, na Venezuela; Piros yines (Aruák), vivem na Colômbia; Sálibas ou Sáliva ou ainda Sáliua (Piaroa), vivem no entre Colômbia e a Venezuela; Sharanahua, Chanenauas ou Shanenawa (Panos), vivem no estado do Acre, Brasil; Siona (Tucanos) habitam o alto Amazonas, na região do rio Putumayo, na Colômbia e na parte no Equador; Secoya (Quíchua-Tucanos) habitam parte do Equador; Shipibo da família conibo (Panos); Ticunas, Tikuna ou Tukuna (Tukuna), vivem no trapézio Peru, Brasil e Colômbia; Tucanos (Tucano), habita a região do Rio Negro e vários de seus afluentes, no estado do Amazonas, Brasil; Tuyukas (Tucanos), habitam no estado do Amazonas, Brasil; Tarianas ou Tariâna (Aruák), habitam o noroeste do estado do Amazonas, Brasil; Uitotos, Huitotos ou Murui-muinane (Murui), habitam a região do alto Amazonas, no Peru e parte da Colômbia; Yagua (Peba), habitam no Peru; Yekuana (Caribe), habitam o norte do estado do Amazonas e sul da Venezuela; Yaminahuás ou Yawanawá (Panos), vivem no estado do Acre, Brasil; e os Zaparos Napurunas (Zaparo) vivem no Peru.

Se você conseguiu ler toda esta listagem de povos ou não, você ficou sabendo que são muitos povos que utilizam este chá. Certo é que, ao todo, são 56 (cinquenta e seis) povos ou 81 (oitenta e uma) etnias, de diversos troncos linguísticos e que ocupam uma vasta área territorial, os quais comungam a Ayahuasca por milhares de anos. Pesquisas realizadas em utensílio de cerâmica indicaram que este chá já era utilizado por povos destas regiões desde os idos anos de 4.000 a.C. ou mesmo antes disto (DOBKIN DE RIOS; RUMRILL, 2008, p. 162).

Quando se fala, pois, em Ayahuasca, deve-se ter em mente que estamos tratando de um patrimônio cultural da humanidade, ainda que não reconhecido formalmente por todos os países envolvidos. Tratando-se, pois de um elemento tão significativo para tantos povos em tantos lugares diferentes por tanto tempo, deve ser alguma coisa importante que deva merecer a atenção de quem o pesquisa. E, neste contexto, quem não conhece ou não tem noção deste tema, em vez de se satisfazer com eventuais agressões injustificadas que muitas vezes parte da mídia

faz sem base científica, pode se embrenhar no seu estudo e levar a sério aquilo que serviu de orientação a tantos e tantos povos por tanto tempo em tantos lugares diferentes.

2. Ayahuasca: da origem aos dias atuais

A origem da utilização da Ayahuasca se perde no tempo e, atualmente, ainda não há um estudo capaz de dizer com certa precisão, quando os humanos começaram a empregar este líquido em suas curas, suas adivinhações, seus rituais e suas crenças. Mas, sabe-se que a dispersão do seu uso entre as tribos ameríndias tenha ocorrido entre os anos 2000 e 1500 a.C.² Tal dispersão seguiu normalmente entre diversos povos até que adveio o fenômeno que a perturbou em grande medida: a invasão dos europeus no século XVI.

Nos países andinos, os nativos utilizam esta bebida em seus rituais principalmente no contexto do que eles chamam de “medicina”. Entretanto, os primeiros contatos dos europeus com os indígenas não levaram em conta este elemento, até porque o objetivo dos europeus era dominar e não absorver o conhecimento tradicional dos povos que dominavam.

Os primeiros relatos do uso indígena de *Ayahuasca* para os europeus são dos missionários jesuítas Pablo Maroni, em 1737 e Franz Xaver Veigl, em 1768. Eles percorreram o rio Napo, que nasce no Equador, atravessa o Peru e desagua na margem esquerda do rio Solimões, formando por fim o rio Amazonas, depois de mais de 1.100 km de extensão. Esses missionários descreveram a existência e a utilização de um cipó com este nome de Ayahuasca, o qual seria “usado para adivinhação, mistificação e enfeitiçamento” (DE MORI, [s.l.: s.n.] p. 32). É bom lembrar que, nesta época, a Igreja Católica espanhola ainda estava procurando por feiticeiros para exterminar. Dizer que este cipó era usado para “feitiçaria” era um argumento que reforçava a necessidade de reprimir este povo.

² Ver NARANJO, 1979; 1986 e MCKENNA, 2002.

As práticas continuaram principalmente nos povos que se mantiveram mais arredios em relação aos colonizadores. E os contatos de europeus continuaram nos séculos XVIII e XIX. Uma das espécies comumente utilizadas no preparo deste chá, o arbusto chacrona, foi descrita por Ruíz & Pavón, em 1779, como *Psychotria viridis*. Os estudos botânicos a respeito do cipó empregado na preparação da Ayahuasca se iniciaram em 1851, quando o botânico inglês Richard Spruce coletou alguns espécimes da liana utilizada na bebida por índios brasileiros da tribo Tukano, classificando-a como *Banisteria caapi*, que, em 1931, foi reclassificada por Morton como sendo *Banisteriopsis caapi*. Para tal pesquisa, devemos levar em conta que naquele momento a Inglaterra esteve pesquisando plantas na região da Amazônia, para futura exploração comercial. Neste contexto, entre outras, pesquisou a seringueira (*Hevea brasiliensis*) e a transferiu para a Malásia, com o que se tornou a maior produtora de borracha do mundo e desativou o potencial do Brasil neste campo.

Enquanto isto, o uso da Ayahuasca continuava desconhecido para os brasileiros até que por volta de 1915 veio à tona na região do extremo oeste do estado do Acre e de lá veio para Rio Branco, a partir de 1930, com o mestre Raimundo Irineu Serra, que fundou o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – o Alto Santo (CICLU-ALTO SANTO). Em 1945, o mestre Daniel Pereira de Matos, amigo daquele, fundou a matriz das Barquinhas, que atualmente formam uma tríade. Este faleceu em 1958, sendo que seu trabalho floresceu principalmente em Rio Branco, até porque sua linha de trabalho não tinha uma visão expansionista.

Em 1961, o seringueiro José Gabriel da Costa fundou a União do Vegetal, na Bolívia. Este seringueiro conheceu o chá na colocação conhecida como Capinzal e, posteriormente, mudou-se para uma outra colocação, chamada de Assunta (em espanhol, Asunta), nome este que vem de “nossa senhora Assunta”, venerada na Bolívia. Estas duas colocações se localizavam e ainda se localizam em território boliviano, próximo da atual cidade de Basileia no estado do Acre, de forma que fundou sua religião em terras bolivianas, habitadas por acreanos. Assim, posso

afirmar que todas as religiões ayahuasqueiras brasileiras nasceram no estado do Acre.

De fato, em 1974, um discípulo do mestre Raimundo Irineu Serra, o senhor Sebastião Mota, deixou o Alto Santo, onde estava situada a comunidade dos seguidores de Mestre Irineu e criou a comunidade da Colônia Cinco Mil, em Rio Branco no Acre, registrando-a no cartório dessa cidade com o nome de Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS). Nos anos 1980, mudou a comunidade para o coração da floresta amazônica, na localidade denominada Rio do Ouro. Dois anos depois, iniciou a abertura, no igarapé da Vila Céu do Mapiá.

Este “reformador” do culto fundado pelo mestre Irineu ficou conhecido como Padrinho Sebastião e introduziu novidades à doutrina do seu mestre. Entre estas menciono: o sincretismo com a umbanda, o panteísmo, a incorporação e o uso da *Canabis sativa* (maconha), chamada nos rituais de *Santa Maria*. Assim, todo segmento daimista que usa a Ayahuasca com maconha está umbilicalmente ligado a este segmento.

Desta forma, estabeleceram-se os quatro principais troncos do uso da bebida Ayahuasca no contexto urbano brasileiro. Daí por diante, estas quatro vertentes se desdobraram, a partir da década de 1990, em diversos segmentos, todos utilizando o chá em rituais religiosos com predominância da tradição cristã, mas em alguns casos com influência de tradições afrodescendentes. Estes segmentos se alinham, de certa forma, de acordo com um ou com outro destes troncos. Sendo assim, se você ouviu falar em Alto Santo, em Barquinhas, em Santo Daime ou União do Vegetal, você ouviu falar dos cultos alinhados a estes fundadores, a saber: mestre Irineu Serra (Alto Santo), frei Daniel (Barquinha), padrinho Sebastião Mota (Santo Daime) e mestre Gabriel (União do Vegetal).

Para facilitar o entendimento sobre cada um destes segmentos e os termos que utilizam, veja a seguir o seguinte quadro de sinonímias, disponível na wikipédia:

Grupo	Cipó	Folha	Nome da Bebida
<u>Barquinha</u>	Jagube	Chacrona	Daime, luz (santa luz).
<u>Cefluris</u>	Jagube	Rainha	Santo daime
<u>Ciclu - Alto Santo</u>	Jagube	Chacrona	Daime
<u>União do vegetal</u>	Mariri	Chacrona	Vegetal, Oasca

Por este quadro se vê claramente que o termo “Santo Daime”, muito popularizado no meio urbano, liga-se, na realidade, a um destes segmentos: o Cefluris. Entretanto, os nomes Daime, Santo Daime, luz, santa luz, vegetal ou Ayahuasca, além de muitos outros, se referem todos à mesma bebida.

Além destes troncos, há o que podemos denominar de neo-ayahuasqueiros, os quais podem ser agrupados, em geral, em segmentos independentes destes troncos, mas que guardam alguns resquícios deles, porém, na maioria das vezes, trabalham outras referências. Vale dizer que os neo-ayahuasqueiros trabalham outro universo como o da chamada “Nova Era”, o das “religiões orientais”, do neoxamanismo e do holismo. Em outros casos, temos alguns segmentos totalmente exógeno que igualmente utilizam a Ayahuasca, mas não necessariamente para fins religiosos. Alguns a empregam como simples terapia, totalmente descolada do seu contexto antigo. Outros ainda veem na Ayahuasca um potencial para tratamento médico e a estão estudando com esta finalidade. Outros ainda a utilizam apenas e tão somente como um elemento recreativo.

Por fim, ressaltamos que a partir do início deste século, diferentes grupos indígenas brasileiros passaram a construir ligações com religiões ayahuasqueiras de sincretismo cristão, sendo o Santo Daime em sua maioria e com grupos neo-ayahuasqueiros. Algumas destas parcerias e associações envolvem a realização constante de sessões da bebida em cidades e contextos europeu e até no Japão, nas quais são combinados elementos da etnia indígena envolvida com elementos terapêuticos e espirituais típicos do meio urbano.

Com esta difusão urbana, o fenômeno da Ayahuasca se encontra hoje em diversas partes do mundo, sendo que, daquelas religiões do tronco primário, apenas

a União do Vegetal se estabeleceu legalmente neste contexto, no que vem sendo seguido por segmentos quase sempre na linha do padrinho Sebastião Mota, isto é, do Santo Daime.

3. A Ayahuasca como objeto de estudo

Como fácil é de se perceber, a Ayahuasca é, do ponto de vista acadêmico, um objeto de estudo e, bem por isto, constitui um amplo campo de pesquisa que vem sendo desenhado desde o meado do século XIX até os dias de hoje e se estenderá por muito tempo, já que suas explorações abarcam vários campos da vida e do saber humano.

Entre eles, destacamos as áreas da biomedicina, da antropologia, da psicologia, da medicina, do direito, da arqueologia, da história, da farmacologia, da sociologia, da teologia e da filosofia. É bem provável que um único indivíduo nunca vai saber tudo sobre a Ayahuasca. A partir deste ponto, o assunto ganha uma complexidade ímpar. Tanto é assim que hoje em dia acham-se envolvidos neste tema: indígenas, religiosos, ativistas, terapeutas, cineastas, artistas, legisladores, especialistas nas áreas de direitos humanos, saúde pública e política de drogas, autoridades públicas e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

E, entre os profissionais envolvidos na Ayahuasca, podemos mencionar os jornalistas e os comunicadores em geral. Estes, muitas vezes, divulgam esse assunto sem a devida atenção e profundidade. Em consequência, cooperam com as agências de notícia, fazendo caricatura do que, *stricto sensu*, não corresponde à realidade deste amplo fenômeno que enfeixa muitos campos de estudo e apresenta várias nuances em razão dos muitos aspectos de usos por diversos povos, em diversos contextos e ao longo de muito tempo, constituindo, um rico campo de pesquisa que vai do clínico ao simbólico, do arqueológico ao mitológico, da simples curiosidade ao encontro da ciência.

4. Ayahuasca – do culto ao comércio

Diante deste amplo leque de consumo da Ayahuasca no atual contexto urbano, vem à tona a questão relacionada com o comércio daquilo que, no início da sua expansão para as grandes cidades era somente culto. De fato, a expansão do uso da Ayahuasca trouxe consigo o desejo de sua aquisição, considerando-se que as florestas passaram a ser exploradas de forma desregradas por aqueles que procuravam atender cada vez mais consumidores. Por outro lado, o seu cultivo exige dedicação de pelo menos quatro anos e terras adequadas. Verdade seja dita: os urbanoides – termo aqui empregado sem qualquer pejorativo – nem sempre estão dispostos ao plantio, cultivo e transporte destas plantas até os centros urbanos. Daí que a comercialização se tornou quase que necessária.

O CONAD – Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, vinculado ao Ministério da Justiça, depois de anos de trabalho em conjunto com os quatro principais grupos, conseguiu, em 2010, estabelecer como princípio a não comercialização da Ayahuasca, restringindo seu uso aos rituais religiosos. Entretanto, a grande procura dos grandes centros tem levado as pessoas a adquirir tal produto inclusive dos indígenas, o que é objeto de outra discussão.

Malgrado este viés, os grupos que efetivamente acreditam que a Ayahuasca deve ser utilizada com responsabilidade e os que o fazem dentro dos seus respectivos rituais se esmeram por adquirir terra apropriadas, cultivam estas plantas, cuidam delas e preparam o chá, comungando-o sempre em comunidade, com o objetivo de alcançar aquilo que, via de regra, está associado à sua conscientização sobre seu destino neste mundo.

Palavras Finais

Do exposto, pode-se concluir que, em geral, não se conhece bem a Ayahuasca, mas se tem aqui e ali um aspecto dela, aspecto este que tem seu histórico, seu contexto e seu interesse de abordagem. É, pois, recomendável que,

toda vez que se ouvir falar deste tema ou com ele entrar em contato, por qualquer outro meio, se busque identificar quem está transmitindo determinado conteúdo e qual seria ou quais seriam o(s) seu(s) possível(eis) vínculo(s) com o fenômeno.

Esta recomendação é importante, primeiro porque, como exposto, ninguém detém todo o conhecimento sobre este fenômeno, dada a sua amplitude; segundo porque, neste amplo contexto, toda abordagem, por mais ampla que seja, restringe-se a algum aspecto deste todo e, terceiro porque, qualquer pesquisa séria deve levar em conta que o objeto traz consigo as marcas de quem o manipula, e ninguém conseguiu ainda separar seu objeto de qualquer outra influência a tal ponto que o tenha puro, límpido e cristalino em suas mãos.

A Ayahuasca se inscreve, assim, neste contexto do conhecido e do desconhecido, do revelado e do oculto, do dito e do não dito, do desvendado e do mistério e, acima de tudo, ela contém um enigma que não pertence a um ou a outro, mas a toda a humanidade. E o enigma dela parece com aquele da esfinge de Tebas. Entretanto, enquanto a esfinge propunha que “decifra-me ou te devoro”, a Ayahuasca parece propor que, ao decifrar o que ela é, o decifrador decifra-se a si mesmo. Assim, seu enigma é: **“Se o que tu procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não achará em lugar algum”**. Ela constitui-se, desta sorte, **não num objeto distante, mas numa chave através da qual o pesquisador descobre, antes, a si próprio.**

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. **O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla**. Um estudo centrado na União do Vegetal. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1995.

COUTINHO, Tiago C. **Xamanismo da floresta na cidade: um estudo de caso**. Tese (doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Disponível em: <[https:// neip.info/texto/o-xamanismo-da-floresta-na-cidade-um-estudo-de-caso/](https://neip.info/texto/o-xamanismo-da-floresta-na-cidade-um-estudo-de-caso/)>. Consultado em 08 de março de 2018.

DE MORI, Bernd Brabec. LABATE, Beatriz Caiuby; JUNGABERLE, Henrik (ed.). The Internationalization of Ayahuasca. [s.l.: s.n.].

DOBKIN DE RIOS, Marlene; RUMRRILL, Roger. A Hallucinogenic Tea, Laced with Controversy: Ayahuasca in the Amazon and the United States. Westport, CT: Praeger Hardback, 2008.

GOULART, Sandra Lucia. **Contrastes e Continuidades em uma tradição amazônica**: as religiões da Ayahuasca. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 2004.

KATSZUNG, B. G. **Farmacologia Básica e Clínica**. 6º ed.. Rio de Janeiro: Koogan, 1998.

LABATE, Beatriz Caiuby; ROSE, Isabel S.; SANTOS, R.G. **Religiões ayahuasqueiras**: um balanço bibliográfico. Campinas: Mercado de Letras: FAPESP; 2009.

LUNA, L. E.; AMARINGO, P. **Ayahuasca Visions**: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman. Berkeley, CA: North Atlantic Books, 1991.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua**: O Xamanismo e o uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MCKENNA, Dennis J. Ayahuasca: uma história etnofarmacológica. Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002. Disponível em «<https://mundocogumelo.blog.br/ayahuasca-uma-historia-etnofarmacologica>». Consultado em 18 de dezembro de 2017.

NARANJO, Plutarco. Hallucinogenic plant use and related indigenous belief systems in the Ecuadorian Amazon. Journal of Ethnopharmacology. Amsterdã: Elsevier. vol. 1, Issue 2, April 1979. pp. 121-145. Disponível em: «<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0378874179900035>». Consultado em 7 de março de 2018.